

Sarney Além do Horizonte

5 ABR 1986

A fala do Presidente José Sarney à Nação representa um marco significativo de conquistas realizadas: desde a inflação negativa, que há muito não se via neste país, até a restauração da confiança popular, todos os sinais são positivos.

Como todo marco importante na vida nacional, contudo, ele deixa aberta a linha do horizonte para explorações e indagações sobre o ideal e o possível. Como o futuro se constrói com o passado e o presente, é preciso verificar, então, quais as nossas fundações. É preciso verificar onde estamos com o pé firme, onde há apenas areia e, para não pecarmos pelo otimismo, onde há lamaçais.

Pela frente, para que a economia seja desengessada com propriedades, há vários desafios. Não poderemos passar para patamares superiores de eficiência sem uma reforma administrativa, capaz de sacudir a velha e emperrada máquina estatal; não caminharemos na área financeira com plena eficiência sem uma reforma bancária que questione sobretudo os bancos estaduais; não poderemos continuar com um acervo de empresas inúteis, ou de baixa produtividade, dependendo do apadrinhamento do Estado; nem podemos sonhar com uma situação internacional estável: a crise da Líbia que o diga.

Cada um desses desafios implicará vasta mobilização da opinião pública e de recursos humanos dentro do Governo, capazes de vencer resistências. Veja-se, apenas a título de exemplo, o trabalho da Secretaria de Controle das Estatais. Em declarações recentes o titular da SEST deixou bem claro como é difícil mexer em verdadeiras casas de marimbondos, pelo acúmulo de privilégios que se criou com o tempo, pela fartura com que se distribuíram empregos e pela ânsia com que se defendeu a continuidade de empresas inúteis, ou cujo tempo da vida deveria ter sido definido para acabar depois de cumpridas as suas missões.

Para que a SEST avance seus objetivos não basta articular um bom esquema contábil de saneamento financeiro de empresas no vermelho, ou que se equilibrassem graças ao open dentro da contabilidade estatal, com brutais distorções e anomalias. É preciso que portas

sejam fechadas e os preços a pagar sejam os mesmos que o Estado exige da iniciativa privada na hora do aperto dos cintos. Lançar ações estatais no mercado somente para lhes proporcionar desafogo financeiro não levará a nada, senão a engordar os paquidermes. E se os nossos problemas são de escassez de capital, por que não convidar investimentos estrangeiros seguindo o exemplo até mesmo de nações socialistas europeias que — como a Espanha — souberam vencer preconceitos ideológicos para viabilizar seu convívio no mercado comum europeu?

Na linha do horizonte encontram-se problemas que cedo ou tarde significam mais pressões, e renovadas pressões, sobre a caixa do tesouro. De superavitária a caixa já passou a deficitária, apesar de todos os aumentos na carga tributária. O que virá depois se as fontes de gastos da União e dos Estados não forem cortadas agora? Mais pressões sobre os contribuintes? Os bancos estaduais ai estão, também, cada um deles com uma peculiaridade, mas todos dispostos a transferir compromissos regionais para os cofres federais. Que sentido faz um Estado pobre ter várias diretorias, várias folhas de pagamento e vários déficits?

A reforma bancária deverá passar por uma importante reavaliação das funções dos bancos estaduais. Não é possível continuar convivendo com máquinas paquidérmicas na estrutura estatal, enquanto se cobra o enxugamento do sistema bancário privado.

O Governo precisa também estar prevenido para a situação internacional volátil. Temos o dever de construir defesas e anticorpos, em áreas tão sensíveis quanto as da energia, para a eventualidade de crises que empurrem para cima os preços do petróleo, da noite para o dia.

Não dá, simplesmente, para gastar por conta. O otimismo somente se sustentará se as nossas fundações, baseadas na confiança que o Presidente José Sarney restabeleceu em nosso destino como Nação, atacar todas as frentes arquivadas e esquecidas temporariamente, enquanto comemoramos a deflação. Atacá-las significa a diferença entre alicerces sólidos ou base de areia.